

A caminhada guarani e suas paisagens

Ana Maria Ramo y Affonso⁶⁶

Resumo: Minha proposta para este seminário é (entre)tecer uma trama paisagística a partir de relatos dos Guarani-Mbya sobre a Yvy Rupa, a “plataforma terrestre”. Escolho três tempos, momentos e/ou aspectos que possam orientar nosso olhar: a criação do mundo por Nhanderu Tenonde (principal divindade do panteão Guarani), as caminhadas dos que seriam os futuros Nhanderu Mirim (aqueles que chegaram na chamada Terra sem Mal, seres humanos que se tornam imperecíveis) e a atualidade. O intuito é (re)verter o ponto de vista a respeito do espaço/território brasileiro, no caso específico do litoral sul da mata atlântica, ao vislumbrá-lo por meio das paisagens guarani, deslocando igualmente a minha posição de enunciação enquanto antropóloga ou intérprete, em direção à posição de tecedora dessas histórias. Em outras palavras, tentarei explicitar nas falas Guarani a trama que revela uma paisagem constituída de avatares míticos e incidências xamânicas, a qual tem sido sistematicamente invisibilizada pelos diversos interesses económicos que assediam, não direi somente as terras Guarani, mas a territorialidade cosmopolítica da própria *Yvy Rupa*, ou seja, as redes de relações que inter-ligam, de maneiras complexas, seres das mais diversas ontologias. As “falas Guarani” que quero *entretecer* foram produzidas no contexto de um projeto de formação de jovens pesquisadores Guarani de Santa Catarina, no marco do Inventário de Referências Culturais Guarani do IPHAN, em parceria com o Centro de Trabalho Indigenista.

Palavras chave: Guarani; território; paisagens; cosmologia; Estado-Mercado.

Para poder falar da Yvy Rupa, a plataforma terrestre que emerge como multiplicidade, como coletivo onde se entre-cruzam e se encaixam coletividades e singularidades em composição mutua, são necessárias muitas e muitas palavras, tantas que possam fazer jus à extensão territorial de um *pluriverso*. Não há e jamais haverá papel suficiente e nem tempo, principalmente em nossos simpósios, congressos, eventos ou palestras. E no entanto, é possível vislumbrar, de soslaio, um

⁶⁶Pos-doutoranda no Programa de Pos-Graduação em Antropologia Social da UFSC. Bolsista PNPd.

pedacinho da paisagem que os Guarani compõem com ela, a través das palavras que trago hoje aqui, na qualidade de veículo das mesmas para esta ocasião. Agradeço pela atenção.

O surgimento de *Nhanderu Tenonde* (cito Timoteo Oliveira)

Tudo começou no meio das trevas, havia apenas escuridão e mar, sem sequer existir um único ser vivo. Veio um vento do norte e um vento do sul que, se encontrando, fizeram surgir um pequeno redemoinho e *Nhanderu Tenonde*, (nosso primeiro pai) se concretizou ali, em cima do mar, flutuando e segurando apenas o seu *popygua* (cajado). *Nhanderu* não teve pai nem mãe; nasceu por ele mesmo. Ainda sendo deus, ao existir ali, passou por dificuldades, pois não havia algo concreto onde pisar. Por isso, ele teve a necessidade de criar o mundo que hoje chamamos *Yyrupa*, o Planeta Terra. Tudo era escuro e, no meio do escuro, *Nhanderu* desce e paira por cima do mar. Ele pensa o que é que vai fazer, por que é que ele veio. E, então, ele sabe através do coração: “vou fazer a Terra”.

Nasceu junto com ele aquilo que seria o gérmen da *pindo marã e’y*, a palmeira sagrada. Ele a plantou em cima do oceano. Suas raízes foram se expandindo e, no contato com a água, se transformando em terra. Por ser uma planta muito sagrada, é invisível a nós, simples seres humanos. Assim que plantou o *pindo marã e’y*, ele gerou o *tatu ratã’i* (tatu). Foi esse tatu que o ajudou a espalhar a terra assim gerada.

Até agora, aquele *pindo* ainda está lá em *Yvy Mbyte*, o centro do mundo, o lugar que, hoje, os não-indígenas chamam Paraguai. Só que ninguém vai ver, porque foi *Nhanderu* quem plantou. Essa planta dele, que ninguém tira, vai durar muito tempo e vai segurar a Terra. Mas se tirarem aquela plantinha que ele plantou, aí a Terra vai cair, porque é ela que segura. É assim que nós sabemos. A partir unicamente desse pedacinho de terra, é que fizeram tudo o que existe no mundo.

Xeramõi Timoteo Oliveira (Guata Porã, 2015: 09).

Ao tempo em que *Nhanderu* criou a Terra, a *Yvy Rupa*, em toda a sua diversidade, ele marcou a diversidade com a diferenciação das regras específicas à cada modo de existência que fez surgir. A palavra para regra na língua Guarani, o *teko*, também pode ser traduzida como “vida”, “costume” ou



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

“sistema”, dentre outros. O *teko* nos diz de um movimento de singularização atrelado à possibilidade de se fazer um coletivo. Se cada pessoa, no limite, tem um *teko*, uma maneira de ser própria, o povo Guarani enuncia, ao dizer *nhandereko*, nosso *teko*, o seu modo de pertencimento, de se fazer singularidade no contexto de um coletivo enunciado pelo conceito de Yvy Rupa, a Terra. No entanto, assim como a própria Yvy Rupa, a plataforma terrestre, foi criada a partir da transformação, do desgaste, da *pindo marã e'y* em solo, base para a caminhada, o *nhandereko* remete a uma vida coletiva em permanente transformação e porosa aos fluxos de diferenciação próprios das relações entre singularidades. O tatu, expalhando a terra, cria a extensão necessária para a existência de singularidades específicas que se compõem mutuamente. Assim, diz o tamoi (ancião) Mario Guimarães:

Antes de ter a Terra, tudo era água. *Nhanderu* começou a secar parte da água para colocar a terra, para os *tekoaxy* (seres humanos) viverem. *Nhanderu oikuaa rakae va'e rã!* (*Nhanderu* sabia como seria o porvir!). *Nhanderu* deixou o conhecimento aos *tekoaxy*. Antes de criar o *tekoaxy*, o ser humano, era tudo água. Depois, *Nhanderu* limpou, retirou a água pra ter espaço para o *tekoaxy* viver. Então, ele gerou *tekoaxy* no local.

Xeramõi Mario Guimarães (Guata Porã, 2015: 15).

Tekoaxy, cuja tradução literal seria *teko* doente, errado, difícil, designa a condição de vida na Yvy Rupa, na plataforma terrestre, remetendo justamente à difícil relação das singularidades em composição mutua, pois manter atualizadas as corretas separações diferenciais nunca foi tarefa fácil. Se é possível, num esforço de tradução comparativa, imaginar que os Guarani, como outros povos ameríndios, adotem o esquema relacional do canibalismo antropofágico resumido na expressão “eu sou um outro”, é importante notar que “ser um outro” é uma equação que pede a sua não completa realização, a manutenção de sua condição de potencialidade, para que esse ser do outro permaneça como *devoir* sem deslizar no *ser* ou, em outras palavras, continue como troca sem derivar no contrato. *Nhanderu* deixou o conhecimento aos *tekoaxy*, pois ele já sabia cómo haveriam de ser as coisas, como se urdiria a trama da Terra, desse território de singularidades em composição mutua, ou seja, em constante transformação. Havia uma trama, algo que se aproxima a uma memória do futuro: *Nhanderu* soube o que fazer - *Nhanderu oikuaa rakae va'e rã*. Era preciso deixar um legado, uma



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

episteme. Eis que aos nativos da Terra, foram reveladas as regras do jogo ao tempo em que lhes foi permitida não só alcançar, como inventar as suas estratégias. Diz Timoteo Oliveira:

Então, primeiramente, essa terra nós sabemos que *Nhanderu* que fez pra nós, em primeiro lugar. Ele pensou o que haveria de fazer. Primeiro fez os bichos, os peixes, fruta nativa, mel. Pensou de novo: “o que é que eu vou fazer?”. Para caçar, para comer as frutas do mato, para pescar. Foi então que pensou em nos fazer, e fez os homens e as mulheres, os Guarani. Tudo aquilo, foi para nós que fizeram, no nome dos Guarani é que ficou tudo aquilo. Não é que nós somos os donos da Terra, ou desta terra, mas ela é para ser ocupada por nós, para ser usada por nós; foi para nós que a fizeram. Por isso nós sabemos que essa é a nossa Terra, que é para ser usada por nós. O dono mesmo é *Nhanderu*. Este mundo não tem outros donos. Em qualquer país, a população está só usando a terra. A hora que ele quiser terminar, o dono é que vai resolver. Por isso que nós Guarani temos vergonha de dizer que nós somos os donos da terra. Essa terra, nós só usamos.

Xeramõi Timoteo Oliveira (Guata Porã, 2015: 17).

Esta fala deve ainda ser completada por outra, para melhor a compreendermos:

Esse mundo, *Nhanderu* Tenonde fez pra nós, lá em *Yvy Mbyte*, o centro do mundo. Lá que dividiu pra nós. Só campo deixou ao Paraguaio. Então, a nação Paraguaia pegou só campo. E nós Guarani pegamos só mato. Deixou só mato para nós. Mas desde o começo fazíamos plantações. Os Guarani se entendiam com os Paraguaios. Levavam e trocavam aipim, batata doce; trocavam por facão, por foice, machado, e aí já Guarani usava essas coisas. Naquela época, esses Paraguaios já eram *jurua*. Os *Nhanderu* que deixaram. Por isso que eles são nativos daqui. O único branco que é nativo é o Paraguaio só. Igual que nós, também. Nesta terra, nós Guarani dividimos com os Paraguaios brancos, que ficam com os campos e nós com o mato. É assim que nós sabemos. Os brancos agora estão dizendo: “ah, você veio do Paraguai”. Mas, antigamente, chamavam Paraguai a ilha toda, porque é uma terra única que deixaram os *Nhanderu*. Eles não vieram de outro lugar, não é outro país, nada. Eles são nativos daqui também. Os únicos brancos nativos: a nação Paraguaia. E também nós Guarani.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

O branco sabe onde é a terra dele. Lá pra Alemanha, Portugal, Espanha. Onde será que fizeram Roma? Foi nessas terras que Adão e Eva existiram. Essa história aí pra nós já é outra, é do branco; é para o branco mesmo que *Nhanderu* fez assim. Aquela terra fez para eles mesmos. Os brancos não vão saber, porque aqui, nesta Terra, antigamente, antes de chegar os brancos, neste mundo mesmo, *Nhanderu* fez essa separação. Assim que é a nossa sabedoria. Mas é certo mesmo isso. Pedro Álvares Cabral não vai conhecer mesmo, porque ele só chegou depois de muitos anos. Como é que ele vai saber? Não vai saber mesmo. Sobre nós, sobre esta Terra, ninguém vai saber, nunca. Sobre o Japão, Alemanha, eles vão saber, porque a terra é deles mesmo.

Xeramõi Timoteo Oliveira (Guata Porã, 2015: 18)

A fala de Timoteo nos situa instantaneamente na interseção entre a paisagem e a epistemologia. Um esmerado escrutínio é necessário para compreender a semiótica dos acidentes geográficos: para os brancos paraguaios, que criam gado, que plantam monocultivos, os campos; aos Guarani, que usam os remédios, que fazem roças itinerantes, que caçam, o mato. É, antes de tudo, necessário “ser nativo” para conhecer o território, para ter a capacidade de acesso via sonhos e concentração xamânica, ou via filiações e alianças com gerações anteriores, à história estrutural que às vezes como insinuação, às vezes explicitamente, aparece nos mitos. Estrutural, disse, por revelar os jogos de transformações que entretecem, por exemplo, o encontro de dois ventos, um redemoinho, o cajado de *nhanderu* e a palmeira originária, fazendo aparecer a cartografia da Terra, a *Yvy Rupa*, enquanto imagem que inspira em *Nhanderu* a criação dos *tekoaxy*, os seus habitantes. Habitar a Terra é desenhar as suas paisagens, encenar os contornos e os encontros, os cruzamentos e os encaixes, que a revelam. Diz Adriano Morinico: “[*Nhanderu*] nos colocou justamente no centro do mundo para ficarmos afastados da beira do mar, como um desafio, para ficarmos longe e termos que caminhar para chegar [...] Nós já viemos com essa função de caminhar para tentarmos alcançar a Terra sem Males, além da beira-mar” (em Guata Porã, 2015: 19). A função de abolir a morte (ver Clastres, ([1978] 2007).

Dos nhanderu mirim

É assim que nos conta Mario Guimarães:

[...] Quando a pessoa não falece na Terra e vai para a morada de *Nhanderu*, nós o chamamos *Nhanderu Mirim*. Eles são os segundos donos da Terra. *Nhanderu Tenonde* é o primeiro dono da Terra. Os segundos são aqueles que, há muito tempo atrás, caminharam e passaram para *Yvy Marã e'y* [Terra sem Males ou terra imperecível].

O primeiro *Nhanderu Mirim* era também uma pessoa, que era *tekoaxy*, um mero ser humano, que erra. *Nhanderu* mesmo que nos fez assim, para sermos *tekoaxy*. Mas, como é que os *Nhanderu Mirim*, sendo *tekoaxy*, conseguiam passar? Eles se concentravam na *Opy* [casa de reza]. Eles rezavam e pediam pra *Nhanderu*, e *Nhanderu* mostrava o caminho. Ele dizia: “agora vocês podem ir”. O *Nhanderu Mirim rã* (aquele que será *Nhanderu Mirim*), ele inicia a caminhada. Ele não vai ficar em um só lugar, vai mudando, vai mudando. Durante todo esse tempo, ele fica na *Opy*, cantando, perguntando pra *Nhanderu* como é que tem que ser. Então, *Nhanderu* vai mostrar outro lugar, pra onde ele tem que ir. E vai mudar de novo, até atravessar o mar. É isso que aconteceu. [...] Aqueles que caminhavam, chegavam até o lugar que *Nhanderu* tinha mostrado. Lá eles encontravam os *tembiguai kuery* (ajudantes de *Nhanderu*) e de lá eles partiam para a morada de *Nhanderu*. Quando chegavam perto do mar, os *xeramõi* ficavam esperando os *tembiguai kuery*. *Nhanderu* mesmo que escolhia aquelas pessoas que obedeceram a regra. E ele levava essas pessoas. Aqueles que fizeram algum mal pra alguém ficavam. O próprio *Nhanderu* mandou os *xondaro* para atravessar aqueles que seguiram a regra, a lei. Quem segue certo, chegava à beira do mar. Aí, *Nhanderu* mandava os *xondaro* pra atravessar eles no barco (Mario Guimarães, em *Guata Porã*, 2015: 30).

Cumprir as regras do jogo da vida – que é o *teko* - é sinal de anuência com a episteme de *Nhanderu*, a praxis dos afastamentos diferenciais (o que se come e o que não se come, o que se usa, onde se caminha, em quais horários, etc): estratégia que, mantendo a potencia do que se situa a uma boa distância, evita que o *dever* deslize para o *ser*. Há um certo confinamento implícito nas identidades daquilo que vive na *Yvy Rupa*, uma impossibilidade de atravessar territórios, um peso dos corpos,

uma atração pela entropia e pela morte; para poder realizar a travessia são necessárias as memórias de outros mundos. É preciso saber.

Os nossos parentes que vieram pela primeira vez, estão todos do outro lado do mar, todos; não ficaram por aqui. Atravessaram muitas pessoas que estão hoje lá em *Yvy Marã e 'ỹ. Nhanderu Xapa* é o primeiro *Nh'anderu Mirim*. Ele veio sozinho, de *Yvy Mbyte*. Ele não pegou nem canoa, nem nada, atravessou por cima do mar, passou. *Nhanderu* colocou só uma fumaça, por cima do mar; nós chamamos essa fumaça de *tataxina*. Ele caminhou e atravessou. Antes de chegarem os brancos ele já havia atravessado.

Agora, nós estamos na beira de *Nhanderu retã* (a cidade de *Nhanderu*), pertinho da capital de nosso deus. Mas nós, pessoas, não vemos, pensamos que é longe. Não é. Nós já estamos pertinho. Me pediram para lembrar de *Nhanderu reko*, do sistema de *Nhanderu*, e isso é muito doloroso. (Xeramõi João Silva, em Guata Porã, 2015: 32).

Lembrar de um futuro que não foi é certamente difícil, *axy*, como a vida na Terra. E, no entanto, é preciso não claudicar. Pois não ver, não enxergar, é uma condição in-definitiva, assim como a humanidade *tekoaxy*. Tudo passa pelo corpo, que é pura conjuntura, encontro, acontecimento – a abertura do sistema. É por isso que cuidados, distâncias, se fazem necessários.

Assim eram os *Nhanderu Mirim*, inteligentes. Eles eram pessoas, nossos parentes, mas eles rezavam tanto que acompanhavam *Nhanderu*, falavam com *Nhanderu*, falavam com qualquer bicho. Eles entendiam qualquer palavra, do branco, de qualquer nação. Os bichos também falam; os passarinhos falam, e eles entendem. Por isso que nós os chamamos *Nhanderu Mirim*. Eles que fizeram as *Tava*, as ruínas (Missões Jesuíticas e outras construções de pedra). Eles que fizeram. [Os brancos] pensam que mataram a todos, mas os *Nhanderu Mirim* têm muita responsabilidade, e nunca morrem. Os brancos fizeram guerras, mas eles entravam nessas estradas por baixo da terra e saíam em outro lugar. Os soldados, vão matando, vão fazendo guerra. Mas os *Nhanderu Mirim* nunca morrem, sempre seguem. Eles não são como nós. A gente olha pra eles e vê que na mão deles já está tudo “esclarecido”, iluminado; as pernas



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

deles já estão totalmente “esclarecidas”, aí eles vão. Se não estiver, não vão. Timoteo Oliveira (Guata Porã, 2015: 33).

Essa estrada, quem vai seguir são os Nhanderu Mirim. As pessoas como nós, não conseguimos seguir essa estrada, enxergar essa estrada *Xeramoí* João Silva (Guata Porã: 34).

É preciso um corpo “esclarecido”, iluminado para poder enxergar os caminhos pelos quais se faz a travessia. O corpo guarani é também paisagem, modo em que aparece a interseção entre os mundos das almas, das sombras, dos outros. A paisagem que a *Yvy Rupa* apresenta é tudo menos evidente: é preciso reconhecer nos sinais do território a presença desses mundos que, em sua invisibilidade repectiva se salvam do solapamento mutuo. *Perspectivismo ameríndio*. Para atravessar mundos, assim como para traduzir linguas, é preciso um corpo em *devir* controlado – uma certa potência, movimento.

[...] igual que nós, também tem espírito que cuida dos bichinhos. É de outro tipo. Às vezes, a gente olha para a mata e pensa que tem só árvore, mas é uma Capital lá, não é uma árvore. A gente vê, somos nós que vemos tipo uma árvore, mas não é, é uma Capital bem grandona. A gente até pode ver [a Capital], mas só no sonho. Assim normal [acordados] a gente não vai ver nunca. É assim, né? Eu também já sei. Lá em Morro dos Cavalos, quando eu morava lá, tinha uma criança que não estava se sentindo bem e eu me esforcei muito pra curar ela. Aí, eles me mostraram. Eu fui na Capital, bem nas alturas, pra ver. Depois, mostraram o morro pra mim. Pra saber, pra conhecer aquele morro! A gente vê assim normal, só o morro, uma montanha. Mas é uma Capital, alta, com prédios, bonita. [...] Os *Nhanderu* mesmo mostraram pra mim. Fui vendo, a Capital, bonita, prédios altos. [...] E, depois que vieram, mostraram aquela montanha! Por isso que a gente sabe que tipo que é aquela coisa, aquela pedra, aquela árvore, a cachoeira. A gente vê assim só cachoeira, mas ali também não é. Não é só cachoeira, é um tipo de prédio, bonito, a gente não vê! Se mostrarem, a gente vê diferente. Tem uma Capital, tem um prédio tão bonito...



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Quando a gente chega em outras aldeias, temos que ver, observar, porque não temos conhecimento. Se você chegar, ficar observando, todo mundo vai te respeitar. Se a pessoa fizer muita bagunça, gritar, fizer barulho, os parentes não vão gostar. O dono da cachoeira também não vai gostar se a gente já chegar fazendo bagunça. Temos que chegar e explicar: “vim aqui pra tomar banho, não pra ficar brincando”. Aí, fica tudo bem. Mas, se não, ele pode atirar pedras em nós, que a gente não vai ver. Então, a gente fica doente. Timoteo Oliveira (Guata Porã, 2015: 74).

O saber é requisito diplomático, etiqueta implicada na sensibilidade para aceitar que a paisagem na qual nos encontramos é só uma versão possível, imagem acessível a um olhar por demais limitado a alguns poucos ângulos perspectivas. Diversos territórios, com suas cartografias específicas, existem em interferência mútua nessa composição de mundos que se chama *Yvy Rupa*. A distinção entre visível e invisível como estratégia para permitir (ou resolver) a questão do solapamento dos territórios, das territorialidades, remete à necessidade de manter os afastamentos diferenciais, uma vez que em outra época, no primeiro mundo inundado pelas águas, havia excessivas relações sexuais *inter-específicas*, entre gentes que diluíam, assim, as suas singularidades.

A regra, o *teko*, indica as trocas idôneas, provocando afastamentos e proximidades (relações) que não obviam as diferenças de potenciais mas, antes, as usam para a fabricação dos corpos, esses encontros de singularidades. *Síntese disjuntiva* (ver Viveiros de Castro, 2009). A troca bem efetuada permite colocar em comunicação mundos que se interpelam mutuamente a pesar de sua invisibilidade recíproca ou assimétrica. É preciso compreender, é preciso saber, é preciso respeitar. Três atitudes com cuja carência podemos nos identificar nós, os brancos, aqueles que somos muitos, os barulhentos. Confundimos a diferença estratégica *visível/invisível* com a diferença política real/imaginário-simbólico. Esta cegueira dos brancos gera paisagens máquina, que ignoram as redes de troca que configuram o modo de existência da *Yvy Rupa* e que, por tanto, nos encaminham ao fim do mundo: a varredura da Terra como consequência da entropia da máquina cega. A questão é: quem é que vai pagar essa atitude? Timoteo Oliveira, dentre tantos outros, nos alerta:

É *Nhanderu* que dá a saúde pra nós. Por isso, *Nhanderu* que manda. Essa terra é dele, nascente, mar, praia, tudo é dele. A hora que quiser, vai fazer alguma coisa. Porque ninguém paga: Governo não paga, o Presidente não paga, Nações, centos de nações no mundo, não pagam



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

nem um tostão pra *Nhanderu*. Quem fez o mundo? Ele que fez. Ibama não faz nenhum pé de árvore; nada. Quais bichinhos que eles fizeram? Não fizeram nada. Que pássaros que o Ibama e a Fatma fizeram? Nenhum! Aonde que fizeram nascente? Em lugar nenhum! Onde que fizeram nascentes os empresários mais ricos do mundo? Ninguém faz. Aí que tá. No mundo, há milhões de nações, de outros países... Não são os americanos que fazem o mundo pra morar. Não foram os alemães que fizeram o mundo, que fizeram a Alemanha. Não foram os japoneses que fizeram o mundo; eles têm muito dinheiro, mas eles não conseguem fazer o mundo, não fazem nem um pinguinto de água. De onde sai o dinheiro? Sai da terra. De onde que conseguem o necessário pra viver? O que dá para os povos, nações, para todo mundo, para viver, para comer, para beber água? De onde que saem as plantas? Da terra, através dos *Nhanderu* que botaram a terra para levantar as plantações, para comer carne, para fazer tantas fazendas. Será que são os ricos que fazem essas coisas? Se *Nhanderu* não tivesse criado o mundo, de onde iam conseguir pra criar gado? Se não tivessem feito o mundo, como é que iam andar os carros? Não iam andar. Se *Nhanderu* não tivesse deixado petróleo e essas coisas, será que os carros iam andar? De onde conseguimos? Será que os brancos que conseguiram, que fizeram essas coisas? Pra fazer gasolina e todas essas coisas, *Nhanderu* que deixou. Por que o avião subiu voando? *Nhanderu* que deixou pra carregar, pra andar. Ele tem amor por todas as nações, mas as nações que não têm [amor], as nações que não estavam sabendo. Os mais pobres - coitados dos Guarani – não são enxergados. Ficam jogados como bichos, desde o começo até agora. Não são considerados como gente. Por isso, desde 1500, quando chegaram, os brancos os tratavam como bichos, os mataram e, até agora, nos tratam como crianças, a nós Guarani, como se não tivéssemos sabedoria. Porque não está na escrita e, aí, não vão saber nunca. *Xeramõĩ* Timoteo Oliveira (Guata Porã, 2015: 70)

Da atualidade

A escrita é o veículo do conhecimento dos brancos: para se tornar visível, é preciso ser escrita – documento, laudo, lei, tese. O papel é também papel da antropologia. Papel que podemos pensar como paisagem, ao mesmo tempo conceitual e política. De que modo os documentos criam territórios? Quais as artimanhas, as arapucas que a burocracia do Estado/Mercado, nos seus jogos de prestidigitação, interpõem como barreiras ao movimento dos Guarani pelas trilhas da *Yvy Rupa*? O “eclipsamento” de relações (ver Strathern, 2006) é também uma prática do Estado, do Mercado, do



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

mesmo modo que a “explicitação de pressupostos” (idem) é a máquina de guerra da antropologia. A cartografia do nosso desafio tem como coordenadas eventos em que entram em relação os argumentos jurídicos e as culturas indígenas. É justamente aí que se encontra a tarefa da antropologia contra o Estado (ver Goldman, 2011). Frente à CPI da FUNAI e do INCRA, frente aos ataques da Bancada Ruralista é inútil querer demonstrar o caráter científico de nossa disciplina, que deve, isso sim, questionar (por ter antes se debruçado sobre ela) a relação entre a ciência e a lei, entre a cientificidade de um argumento e o seu valor jurídico, entre os fatos e os valores, como diria Latour (2004). O deslocamento do pressuposto (Strathern, 2006) que dá à ciência o monopólio da existência dos fatos, é a nossa tarefa iminente. Pois são invisíveis os exiliados da paisagem jurídica – as Capitais por trás das montanhas reveladas em sonhos aos olhos do xamã. Toda uma semiótica do mundo é enmudecida sob o barulho estrondoso das máquinas que andam, numa velocidade vertiginosa, deixando as suas pegadas de asfalto sob o sólo hiper-povoado da *Yvy Rupa*. Solapando os mundos-outros, a cegueira incontestável do nosso sistema só poderá produzir paisagens do Genocídio.

Entre tanto, as palavras dos Guarani fazem aparecer a trama de nossa história, aquela que pensamos caminhar rumo a um futuro que nós mesmos negamos. Resta saber de que formas o território-papel se configura, ou seja, se com os Guarani compreendemos que a diversidade de mundos é a própria condição de existência do território, da *Yvy Rupa*, e que as assimetrias perceptivas - o que se vê, o que não, por quem, em quais condições, etc -, fazem parte de uma estratégia que visa o não solapamento de uns mundos sobre outros, o que podemos pensar do território-papel criado e estendido pelo Estado-Mercado? Ele está formado pelos encontros, encaixes e cruzamentos das leis, dos jornais, das bibliotecas, dos votos, dos documentos, dos laudos, dos cheques, das notas, dos contratos, dos diplomas, dos mapas, dos mandatos da justiça, dos projetos, etc, etc, etc. A questão é: de que formas estes papéis intervêm nos jogos de prestidigitação, nesse eclipsamento de relações e de informações criando paisagens cujo objetivo é, justamente, o do solapamento dos mundos dos outros, dos mundos-outros, pelo nosso, o *mundo gobal*.

Depois de tanto tempo transformando as palavras indígenas em papéis, resta ainda saber qual é o papel da antropologia, ou, em outras palavras, de qual território somos “nativos”.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia
Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Referências bibliográficas

CLASTRES, Hélène. *Terra sem Mal*. Roraima: Tapé, [1978] 2007.

GOLDMAN, Marcio. Pierre Clastres ou uma antropologia contra o Estado. *Revista De Antropologia*, São Paulo, USP, V. 54 No 2, p.p.577-599, 2011.

LATOUR, Bruno. 2004. *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. Bauru:EDUSC.

LIMA, Tania Stolze. O dois e o seu múltiplo. Reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia tupi. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 21-47, 1996.

Guata Porã: Belo Caminhar. IPHAN/CTI, São Paulo. 2015.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva*. Campinas: Unicamp, 2006 [1988].

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Métaphysiques cannibales. Lignes d'anthropologie post-structurale*. Presses Universitaires de France, 2009.

_____. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana: Estudos de Antropologia Social*, v.2, n.2, p.115-43, 1996.